



CULTIVO MONOCULTURAL TRANSGÊNICO: A CIÊNCIA DO LUCRO **EIXO TEMÁTICO: DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS**

Maria Paula da Rosa Ferreira¹

Rosane Beatris Mariano da Rocha Barcellos Terra²

INTRODUÇÃO

Em uma era de mercantilização da natureza, percebe-se a utilização de artimanhas para satisfazerem a destruição de culturas tradicionais e sustentáveis e, por sua vez, justificarem os métodos exploratórios da ciência do lucro, principalmente quando referente ao cultivo monocultural transgênico. Toda destruição da natureza é acompanhada por destruições culturais. Assim, intentou-se, nesta produção, se desconstruir o dogma da infalibilidade da ciência monocultural transgênica e promover a conscientização de uma realidade onde critérios de qualidade estão sendo substituídos por critérios de produtividade e quantidade. Buscou-se, dessa forma, demonstrar a necessidade de se pensar em uma cultura da vida.

METODOLOGIA

Nesta produção foram utilizadas formas de abordagem e procedimento que são adequados para responder o problema de pesquisa que, aqui, se pretende tratar. Como método de abordagem aplicou-se o dedutivo, partindo-se de premissas tidas como verdadeiras para se chegar a uma conclusão lógica, através de uma análise sistêmica, sem ter, contudo, a intenção de esgotar a questão conceitual a

¹ Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria. Advogada. E-mail: mariapauladarosa@hotmail.com.

² Doutora em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Professora do Curso de Direito da Universidade Franciscana. Advogada. E-mail: rosanebterra@yahoo.com.br.



respeito dos alimentos transgênicos e os interesses econômico-financeiros a estes interligados, devido a tamanha vastidão da problemática. Como método de procedimento empregou-se o monográfico, pois se buscou fazer uma pesquisa bibliográfica concisa e sintética a respeito do tema que será tratado. Adotou-se a teoria de base sistêmico-complexa com fundamento em Fritjof Capra e Edgar Morin, tendo em vista a utilização de formulações sistemáticas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perante a evolução da tecnociência, a pressão dos mercados de biotecnologia, a ascensão das patentes e da artificialização da natureza, intenta-se abordar, por meio de uma conexão interdisciplinar, a exploração de novas ideias e novos modos de se pensar, de forma integrativa, em prol de uma sustentabilidade partilhada entre seres culturais diferenciados.

Compreende-se, assim, como fundamental um novo paradigma de produção calcado na diversidade de cultivos, a fim de que possa ser desconstruída a unificação forçada do sistema monocultural, guiada pela lei do mercado. Desse modo, Ost (1995) trata que a crise em que se vive refere-se à crise da relação do ser humano com a natureza, uma espécie de crise do vínculo e do limite. Esta ponderação demonstra a imprescindibilidade de ser repensada, então, a relação homem - natureza a ponto de ser percebido o que os conecta e o que os distingue. Devido a isso que Capra (1996) aponta sobre a necessidade de uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Compreende-se, dessa forma, que o modelo de progresso técnico contemporâneo, defendido pela globalização e o livre comércio, é insustentável. Assim sendo, ressalta-se que “a maneira apropriada de nos aproximarmos da natureza para aprender acerca da complexidade e da sua beleza não é por meio de dominação e do controle, mas sim por meio do respeito, de cooperação e do diálogo” (CAPRA, 1996, p. 144).

Observa-se que o sistema monocultural origina não somente uma perda de diversidade, mas também um desaparecimento de substâncias, de conhecimento e



de memória de como agir. Na atualidade, lucro e poder andam de mãos dadas, no âmbito global a agenda ecológica foi sequestrada pelas corporações (SHIVA, 2003). Desta maneira, avalia-se que “a agricultura ‘moderna’ e o cultivo de poucas espécies agrícolas favoreceram a padronização dos hábitos alimentares e a desvalorização cultural das espécies nativas” (SANTILLI, 2009, p. 76).

A ciência do lucro monocultural, provinda do cultivo de transgênicos, almeja o crescimento rápido através de rendimentos elevados. O modelo econômico dominante intenta controlar todos os aspectos da natureza e transformá-los em *commodities*. Assim, por meio da concepção de que diversidade significa sobrevivência, forçoso é uma descentralização do sistema alimentar e do fornecimento de sementes, tendo em vista que o controle do setor de alimentos busca acentuar a erradicação da independência da produção alimentar.

CONCLUSÃO

A relação do ser humano com a natureza trata-se de um dever. Demonstra-se, assim, imperioso a observância de um equilíbrio ecológico referente à produção e cultivo de alimentos, bem como uma atenção crucial quanto à interdependência existente entre a vida humana e o meio ambiente. Não se pode sobreviver sem consumir, mas pode se adequar a maneira de se consumir de forma sustentável e atenta à manutenção da agrobiodiversidade, que é fundamental para a manutenção da vida. O progresso de uma civilização não pode estar associado ao dogma da infalibilidade da ciência. Fundamental, portanto, um abrir de olhos e um novo pensamento não destruidor e explorador da natureza, galgado em critérios de qualidade de produção, cultivo e vida. Diante do exposto, verificou-se que um desenvolvimento só pode ocorrer se promover liberdade para ações ecológicas. Urge que sejam conservadas as sementes e suas diversidades em prol da preservação e restauração de conhecimentos de produção e cultivo.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida*. São Paulo: Cuitrix, 1996.

OST, François. *A Natureza a Margem da Lei: a ecologia à prova do Direito*. Lisboa: Piaget, 1995.

SANTILLI, Juliana Ferraz da Rocha. *Agrobiodiversidade e Direitos dos agricultores*. 2009. 409f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Direito – Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo, Gaia, 2003.